

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA HUMANAS - CAMPUS VI
COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA

VIVIA DA SILVA CARVALHO

ENSINO DE HISTÓRIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO PÚBLICA: Um
Relato de Experiência no Estágio Supervisionado em História

CAETITÉ - BA

2026

VIVIA DA SILVA CARVALHO

ENSINO DE HISTÓRIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO PÚBLICA: Um
Relato de Experiência no Estágio Supervisionado em História

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Banca Examinadora da Universidade do Estado da
Bahia, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciatura em História.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Antonieta Miguel.

CAETITÉ

2026

VIVIA DA SILVA CARVALHO

ENSINO DE HISTÓRIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO PÚBLICA: Um
Relato de Experiência no Estágio Supervisionado em História

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Banca Examinadora da Universidade do Estado da
Bahia, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciatura em História.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

ANTONIETA MIGUEL
Professora Doutora Orientadora
UNEB

CILMARA LEDO DE ARAÚJO
Mestre em Ensino de História - UESB
CETI Prof.^aBeatriz de Barros

ROSÂNGELA ALVES DE AGUIAR
Mestre em Ensino de História, Linguagem e Sociedade
UNEB

DEDICATÓRIA

Dedico à Aparecida da Silva Pereira, vizinha,
e José Pereira da Silva!

AGRADECIMENTO

Concluir este trabalho deixa meu coração com a sensação de dever cumprido, me sentindo sortuda por poder viver as dores e delícias de ser quem sou sem medo, com autenticidade, força e uma dose de drama, de vez em quando, porque faz parte do enredo da vida.

Fazendo uma breve retrospectiva dos anos e situações que me trouxeram até aqui, eu agradeço a mim, em primeiro lugar, por ter conseguido e escolhido desde sempre ser a protagonista da minha vida, dos meus enredos e das minhas escolhas, porque amadurecer é escolha e escolhas tanto acalentam o coração quanto o fazem partir em muitos momentos.

E para além de escolher viver, viver tudo com intensidade, com o peito aberto e escolhendo subir um ou dois degraus a cada dia. Eu agradeço por não ter desistido desse processo e ter me permitido enfrentar todos os desafios. Desse modo, eu pude ter tempo para criar um laço com minha profissão, com meus objetivos de vida e colher os frutos que plantei em cada desafio que me propus a realizar.

Foram dias e noites difíceis, mas que valeram a pena, valeu a pena surtar, chorar, chutar o balde e dizer que nunca mais ia pegar de volta, mesmo que, no fundo, eu soubesse que não ia desistir. Também valeu a pena pelas vivências, pelas oportunidades recebidas, pelas pessoas encontradas. Por ter a certeza que mesmo sendo a protagonista da minha história, eu ainda poderia contar com uma rede de apoio que só cresceu a cada dia e que foi, incansavelmente, insistente na minha potência.

Agradeço à minha família que fez do meu sonho e da minha escolha o sonho e as escolhas deles. Os desafios não foram fáceis, nem sempre os desejos eram os mesmos. Mas eu chego nesta reta final, com o coração transbordando de alegria, por enxergar a alegria e satisfação que nós construímos juntos em todo esse caminho. Em especial, à vizinha e às minhas tias que me fazem sentir a sensação de ter um lugar no mundo, de saber para onde voltar, com quem contar e que todos juntos aprendemos que as relações se constroem com amor e não dispensam respeito e vontade de estar um com o outro.

Voltando a famosa vizinha. Vizinha é de longe o ser humano mais incrível que conheço, ela consegue ter força, inteligência, coragem, positividade, braveza e amor orbitando no mesmo espaço de tempo e em uma frequência e assertividade únicas. É de longe a maior responsável por me dar asas que por muitas vezes ela não teve, de entender que por mais que, às vezes, os nossos universos se descompassam eles se alinham. Se alinham porque o amor existe, mas também o respeito e a admiração prevalecem.

Agradeço à vizinha por ser o meu porto seguro, mesmo que não tenhamos um convívio diário, mas eu sei que eu posso ligar e contar a qualquer momento. Sem ela nada disso seria possível, ela é sempre muito objetiva e racional, mas do jeito dela, ela me incentiva a não deixar a peteca cair e faz com que a minha dedicação à faculdade possa ser integral, e que eu não precise lidar com outros meios de me manter.

Agradecer a todos os meus amigos, que indireta ou diretamente, seguraram as minhas mãos em diversos momentos, que sempre me enxergaram por um ângulo tão bonito, e, por muitas vezes, até eu

demorei a ver. Em especial aos da faculdade: Gilmar e Juliano que, literalmente, andaram lado a lado comigo, eu fico imensamente feliz por nós termos nos permitido a trilhar esse caminho sendo os portos seguros uns dos outros.

Agradecer à minha orientadora, a qual carinhosamente eu chamo de “toinha”. Reafirmar que você fez o seu papel como professora, da maneira mais transformadora possível. Obrigada por todo acolhimento, dedicação e olhar especial com o qual sempre me enxergou. Que eu consiga ter o olhar tão atento e afetivo como o seu, durante a construção da minha carreira e a admiro muito, como profissional e como ser humano.

RESUMO

O presente artigo visa investigar os motivos que levam os estudantes a não entenderem os processos históricos relacionados à questão étnico-racial como contínuos e interligados. Esta pesquisa foi realizada dentro da perspectiva da aprendizagem histórica, no Ensino de História, com turmas do 2º ano do Ensino Médio, no decorrer do Estágio Supervisionado VI. A pesquisa foi guiada pelos seguintes questionamentos: por que, quando os assuntos são aprendidos ou apenas codificados de forma solta, a correlação com as vivências e organizações sociais da atualidade não ocorre como deveria? Será que é uma questão hereditária? Isso é levado aos próximos anos? A abordagem metodológica utilizada foi planejar cada atividade como interdisciplinar entre os conteúdos da disciplina História dos Meus Ancestrais (2ºA) e a temática da Independência do Brasil (2ºD) e foram nomeadas como "diagnóstica", pois os resultados de cada uma direcionavam o rumo dos próximos passos da pesquisa.

Palavras-chaves: Ensino de História. Estágio Supervisionado. Questões Étnico-Raciais. Aprendizagem Histórica. Educação Étnico-Racial.

ABSTRACT

This article aims to investigate the reasons why students fail to understand historical processes related to ethnic-racial issues as continuous and interconnected. This research was conducted within the perspective of historical learning in History teaching, with 2nd-year high school classes, during Supervised Internship VI. The research was guided by the following questions: why, when subjects are learned or merely codified in a loose way, does the correlation with current experiences and social organizations not occur as it should? Is it a hereditary issue? Is this carried over into the following years? The methodological approach used was to plan each activity as interdisciplinary between the contents of the subject History of My Ancestors (2nd year A) and the theme of the Independence of Brazil (2nd year D), and they were named "diagnostic," since the results of each one directed the course of the next steps of the research.

Keywords: History Teaching. Supervised Internship. Ethnic-Racial Issues. Historical Learning. Ethnic-Racial Education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Primeira Avaliação Diagnóstica do 2ºA, questão 1.....	22
Gráfico 2: Primeira Avaliação Diagnóstica do 2ºD, questão 1.....	22
Gráfico 3: Primeira Avaliação Diagnóstica do 2ºA, questão 1.....	24
Gráfico 4: Primeira Avaliação Diagnóstica do 2ºD, questão 7.....	25
Gráfico 5: Última Avaliação Diagnóstica do 2ºA, questão 7.....	27
Gráfico 6: Última Avaliação Diagnóstica do 2ºD, questão 7.....	27
Gráfico 7: Última Avaliação Diagnóstica do 2ºA e do 2ºD, questão 7.....	30

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1: Discente A do 2ºA.....	23
Imagem 2: Discente A do 2ºD.....	23
Imagem 3: Discente B do 2ºA.....	25
Imagem 4: Discente D do 2ºD.....	25
Imagem 5: Questão 7 da Última Avaliação Diagnóstica.....	25
Imagem 6: Discente E do 2ºA.....	27
Imagem 7: Discente F do 2ºD.....	28
Imagem 8: Discente G do 2ºD.....	29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A DESCOBERTA DOCENTE: UMA VIVÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO....	12
3. AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: A PRODUÇÃO DO PROFHISTÓRIA.....	15
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
5. METODOLOGIA.....	20
6. ANÁLISE DAS FONTES.....	21
6.1 PRIMEIRA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA.....	21
6.2 ÚLTIMA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA.....	25
7. CONCLUSÃO.....	30
8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	32
9. ANEXOS.....	34
9.1 ANEXO A.....	34
9.2 ANEXO B.....	35
9.3ANEXO C.....	39

1. INTRODUÇÃO

A escolha da aprendizagem histórica como tema para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ocorreu por ser uma questão entendida necessária e urgente, dar vazão para as percepções que me tocaram durante os Estágios Supervisionados I, II e III, em especial o do Ensino Fundamental, quando na fase de observação e na avaliação diagnóstica, eu percebi que os alunos, em um âmbito geral, não conseguiam entender os processos históricos como contínuos e interligados, ou seja, apresentavam dificuldades para fazer a junção dos conteúdos e entender a relação deles no seu dia a dia. Como exemplo: os alunos, em vários momentos, não conseguiam associar o racismo ainda vigente na sociedade como parte do processo de escravização do povo africano e até mesmo com o histórico brasileiro de escravidão.

Sabendo e lutando pela importância de relevar o passado para vivenciar o presente de maneira mais consciente, essas percepções me levaram a uma urgência de entendimento, os quais prontamente interessei em pesquisar os possíveis motivos que justificassem essa falta de clareza e correlação na aprendizagem histórica no decorrer do Estágio Supervisionado IV. Sendo guiada pelas seguintes perguntas, por que quando os assuntos são aprendidos, ou apenas codificados de uma forma solta, a correlação com as vivências e organizações sociais da atualidade não ocorrem como deveriam? Será que é uma questão hereditária? Isso é levado aos próximos anos?

Então, iniciei o Estágio IV, Ensino Médio, com o objetivo de analisar esse percurso da aprendizagem histórica na perspectiva das questões étnicas – raciais, assim a abordagem da temática permaneceria apesar das mudanças de ano, da maturidade mais elevada e do contexto social inserido serem diferentes. Definido isso, direcionei os meus planejamentos para obter essa resposta. O próximo passo foi escolher a turma que se encaixaria nos aspectos que eu precisava. Optei por me colocar à frente do desafio de lecionar para duas turmas do segundo ano, ambas com disciplinas diferentes, mas dentro do componente de História: História dos meus ancestrais, 2º A; e História, 2º D.

Logo após, iniciei o planejamento, definindo o objetivo e a aplicação das atividades que nomeei como “diagnósticas”, pois os resultados de cada uma direcionavam o rumo dos próximos passos da minha pesquisa. Fechado isso, apliquei a primeira atividade diagnóstica, que trouxe mais direcionamento, como a possibilidade de desenvolver uma série de atividades interdisciplinares entre os conteúdos da disciplina História dos Meus Ancestrais (2A) e a

temática da Independência do Brasil (2D), visando que os estudantes pudessem compreender a dimensão e a importância da cultura ancestral e da cultura afro-brasileira.

Um ponto importante a enfatizar a escolha das turmas, primeiro motivo, o 2º A, pela disciplina e a maturidade de conhecimento de mundo que demonstrou possuir e que poderia enriquecer muito os debates que eu pretendia propor em sala de aula. Já o 2º D, demonstrou um perfil mais imaturo e percebi, também, que alguns deles não se enxergavam de uma maneira muito positiva, e até chegaram a pontuar isso quando me questionaram o motivo de ter os escolhido. O segundo motivo diz respeito ao fato de considerar perfis distintos como possibilidade de uma ampla visão e resultado dentro da pesquisa.

Definido isso, direcionei os meus planejamentos para obter essa resposta. Ou seja, os meus planejamentos durante o período de regência, foram direcionados à pesquisa de aprendizagem histórica, focada em questões raciais e análises de uma história vista de baixo, perspectiva adotada por historiadores¹, para definir a urgência de contar a história em memória de povos que foram apagados e silenciados ao longo das vivências históricas. Reafirmando a importância de estudar a história e a cultura africana e afro-brasileira, e o quanto é imprescindível para a construção de uma sociedade baseada em preceitos decoloniais e antirracistas.

Nesse ponto, a educação tem um papel fundamental na desconstrução de conceitos eurocêntricos e na elaboração de uma visão mais ampla e justa da nossa história, pois é através do conhecimento e da valorização das diversas contribuições culturais e históricas dos povos africanos que podemos construir uma sociedade mais inclusiva. Como exemplo, a implementação da Lei 10.639/03 que representa um passo importante na educação que reflete a diversidade e grandeza do Brasil. Todavia, para que essa mudança seja ativa, é necessário um compromisso permanente de educadores, gestores e da sociedade em sua totalidade.

2. A DESCOBERTA DOCENTE: UMA VIVÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A minha formação docente iniciou-se na vigência do Estágio Supervisionado II, realizado no Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho – Guanambi/Ba, Ensino Médio, a partir da aplicação da oficina “Música, é um barulho que conta história” com o tema Ditadura Militar Brasileira, elaborado pela Ana Cardoso (membro do grupo) e orientado por Prof.^a Dr^a Antonieta Miguel, na qual pude vivenciar uma experiência enriquecedora e transformadora, e a interação entre o grupo e a turma contribuiu para meu aprendizado e crescimento ao proporcionar uma experiência prática e reflexiva na aplicação de estratégias de ensino, de recursos didáticos, condução de discussões em sala de aula, direcionar perguntas provocadoras

com o objetivo da construção do senso crítico dos discentes e relacionar os assuntos com vivências pessoais, com o cotidiano e com o contexto social, político e econômico.

Além disso, pude perceber a importância da abordagem dinâmica e participativa para o processo da aprendizagem dos alunos. Sendo assim, essa experiência me motiva a buscar constantemente novas formas de utilizar recursos didáticos e promover discussões relevantes em sala de aula, visando sempre a formação integral dos estudantes.

Por último, nessa primeira experiência, três fatores me chamaram atenção: o tempo de preparação das aulas/oficinas, pois nós enquanto estagiários, muitas vezes perdemos em vivência docente, mas ganhamos em tempo de dedicação, mudar o espaço de ensino: a biblioteca (de modo que saia do tradicional engessado) e a estratégia usada para envolver os alunos (que nesse caso foram as músicas).

Já Estágio Supervisionado III, primeiro estágio de regência, foi realizado na Escola Municipal Prof.^a Enedina Costa de Macedo, na turma do 6º ano D, no turno vespertino, sob a regente a professora Elane Márcia Silva Viana. A turma era composta por 23 alunos, sendo 5 laudos médicos, que se sobreponham entre TDAH, TOD etc. Ademais a turma de modo geral apresentava questões sociais complexas, como: a negligência familiar, automutilação, renda familiar baixa e adoção tardia que implicariam em questões que pude ir observando ao longo da regência.

Na fase de observação, eu percebi que as maiores demandas da turma se constituíam em falas preconceituosas relacionadas à comunidade LGBTQIA+ sob uma perspectiva de desdém e desvalorização, demandas de cunho étnicos raciais, em que as referências pejorativas eram feitas no intuito, também, de ofensa e desvalorização. Isso deixou explícito a falta de identidade racial e de pertencimento ancestral da turma. Após essas análises iniciais, realizei uma atividade diagnóstica composta por perguntas de cunho pessoal e relacionadas ao conteúdo presente no plano de curso da professora regente. Com isso, eu obtive direcionamentos mais aprofundados para que eu pudesse repensar os planos de aula e a reestruturação do que seria aplicado.

Em decorrer das aulas eu fui colocando em prática o que aprendi no estágio anterior acompanhada sempre com um planejamento. Mas também, eu tive que ter paciência e fazer uso da criatividade no âmbito da pedagogia, criar um laço muito amigável, descontraído e confiável com a turma, mas ao mesmo tempo consegui manter a hierarquia e o respeito necessários para que eu pudesse manter o controle de sala, um manejo melhor do conteúdo e que possibilitasse a aprendizagem deles.

É importante ressaltar que lidar com esse controle de turma e esse manejo que os conteúdos aplicados exigem é um desgaste majoritariamente físico, até mesmo em momentos em que o seu corpo já não está trabalhando bem e ainda se vê em um lugar de se desgastar mais. Mas eu percebi uma evolução considerável da minha parte quanto a isso e fiquei muito satisfeita, também, em ter conseguido progredir nesses momentos que precisam de uma postura mais séria, sem ter perdido o afeto e a relação amigável que construí com os alunos.

Por fim, o Estágio III foi muito transformador, totalmente enriquecedor para a minha formação, fiquei extremamente tocada e instigada com as considerações que fiz, bem como com os resultados obtidos, com o processo de aplicar e concluir conteúdo. Contudo, também, foi o estágio em que me colocou frente a muitas dificuldades e me fez perceber que eu era capaz de vencê-las e de uma forma boa, fazendo um trabalho bem-feito, entregando tudo que eu poderia entregar no momento. Também, nesse estágio que de fato eu comecei a me ver enquanto professora e entender que seguir por esse caminho seria possível.

Ao final dos vídeos exibidos nas rodas de conversas, eles expuseram situações em que foram vítimas de preconceito racial, e vivenciaram situações semelhantes com terceiro. E foi inegável que eles entenderam a relevância da questão, pois deixaram isso claro em alguns momentos, mas não foi o suficiente para que eles mudassem de postura, olhassem um para o outro de maneira mais sensível no dia a dia e que as chamadas “brincadeiras” não ocorressem mais ou não fosse tão frequente.

Fazendo algumas reflexões acerca de tal problemática, percebi que talvez eles tenham aprendido as especificidades do assunto de maneiras diferentes, eles compreenderam a dimensão espacial, o quão prejudicial é o racismo e o quanto fere a quem sofre. Entretanto, eles não conseguiram fazer a junção de todos os vídeos de reafirmação da cultura africana, da exaltação corporal física e nas suas múltiplas diversidades, com o fato deles serem extremamente afetados com o racismo do dia a dia e cometerem racismo entre si. Isso tem um impacto enorme em sua autoestima física e intelectual.

Em suma, comecei a refletir sobre mudar o tema do TCC, pois tinha relação, assim como este, com a questão étnico-racial, só que em outro período e em outra localidade. O objetivo em fazer essa mudança foi utilizar a experiência do Estágio III e juntá-la com a do Estágio IV, no 8º semestre. Procuo entender o porquê de ainda agirem da mesma forma, mesmo após entenderem minimamente o quão latente é o problema, e a causa de o processo de aprendizagem deles ser por etapas, não conseguindo fazer a junção das especificidades do conteúdo. Será que é uma questão hereditária? Isso é levado às séries seguintes? Chega ao Ensino Médio? Essas

são algumas perguntas que espero conseguir responder depois que me aprofundar nas pesquisas e experienciar novas práticas em outras turmas.

3. AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DO PROFHISTÓRIA

Para a realização do levantamento de trabalhos científicos uma busca foi realizada nos bancos de teses e dissertações nos seguintes sites: saber aberto e capes- catálogo de teses e dissertações, com as palavras chaves: aprendizagem histórica das relações étnico-raciais no ensino médio e o processo da aprendizagem histórica da educação das relações étnico-raciais no ensino médio, visando catalogar quais que abordam as questões étnico-raciais e o Estágio Supervisionado em História. Como resultados obtive quatro trabalhos científicos, no banco de teses do capes – catálogos de teses e dissertações, sendo três do prof. História. Posteriormente, foquei em realizar o levantamento no ProfHistória (EduCAPES) das dissertações com o mesmo objetivo citado anteriormente, mas, durante o processo, o site apresentou instabilidade e só consegui catalogar 19 dissertações que abordam as questões étnico-raciais.

No entanto, as catalogadas de ambos os bancos de teses, não estão atrelados ao estágio supervisionado, e somente trazem as questões étnico-raciais. Além disso, eu já havia percebido que a aprendizagem histórica não é tão apontada, principalmente, dentro do campo do estágio supervisionado. E essa percepção veio de observações de colegas e da minha própria vivência enquanto docente, pois ao iniciar os estágios de regência, principalmente o primeiro (que é no estágio III), as preocupações iniciais compartilhadas nos encontros em sala de aula, pelos estagiários eram majoritariamente quanto a sua própria formação e acompanhadas de ansiedade, inseguranças e questionamentos sobre se consegue ou dar conta, se é a carreira que deseja seguir, se vai ter controle de sala. Não que a preocupação com os alunos e suas aprendizagens não exista, mas ela acaba ficando em segundo plano, sobretudo, no início dessa jornada. No entanto, essa é uma colocação que eu aponto como causa, para justificar a falta de grandes apontamentos quanto a aprendizagem histórica relacionada ao estágio.

Isso posto, nessa mesma busca no site ProfHistória eu encontrei a tese de mestrado de Emerson do Rosário Monteiro, “Meu caro, Ubuntu, “tudo que nós tem é nós”: uma metodologia transgressora e antirracista no Ensino de História em Cachoeira – Ba”, a qual ele não aborda sobre a aprendizagem histórica, mas a respeito dos acontecimentos históricos ligados a população negra e como isso impacta na vida dessa população nos dias de hoje, e

conversa com um dos apontamentos da minha pesquisa: a questão étnico racial dentro da educação básica.

Além disso, ele coloca em seu texto, a sua trajetória, como surgiu a ânsia por pesquisar e aplicar sua pesquisa. Também, ele criou um grupo chamado Ubuntu, no qual pessoas negras se reuniam para discutir suas ancestralidades, suas dores, seus enfrentamentos e consequências de um passado que ficou marcado pela injustiça social. Além do recorte étnico, durante a leitura da sua tese, me identifiquei com a sua escrita, que é feita de maneira ampla, detalhada e carregada de muito afeto em todas as análises.

Logo no início da sua tese, Emerson cita um trecho da canção de Emicida, *Principia*, “Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós / Tudo, tudo, absolutamente tudo que nós tem é /Tudo que nós tem é isso, uns ao outro / Tudo o que nós tem é uns ao outros, tudo”. É um trecho carregado de muita ancestralidade, e enquanto leitora e uma mulher negra, me trouxe uma sensação de pertencimento. E, também, essa coletividade se relaciona muito com o significado do nome “Ubuntu”, cuja ideia é “eu sou porque nós somos”. E isso é ancestralidade pura e mais latente possível que atravessa a sensibilidade nas escritas iniciais e direciona o leitor a seguir assim por todo o restando do corpo do texto.

Os relatos apontados na tese, são relatos que denunciam vivências em uma sociedade racista e eurocentrada, na qual os personagens ali mostrados, carregam em suas trajetórias, marcas de processo escravocrata que ainda não quitou suas dívidas históricas com a população negra brasileira. Esse ponto da pesquisa de Emerson, assim como eu disse anteriormente, se relaciona muito com as minhas percepções do estágio III, as quais vieram carregadas de preocupações quanto a aprendizagem dos alunos ligada às questões étnico-raciais. Sendo que grande parte deles eram pré-adolescentes fenotipicamente negros, que assim como os relatos feitos no grupo “Ubuntu”, por várias vezes, enquanto nós trabalhávamos a cultura africana, eles me relatavam situações parecidas, só não conseguiam estabelecer relações com o passado histórico da sociedade a qual fazem parte, trazendo assim, o meu segundo ponto de pesquisa: a aprendizagem histórica.

A tese de Emerson me trouxe percepções importantes para refletir sobre os desafios de inserção das questões raciais na aprendizagem dos alunos, pontos que posteriormente eu analisei na pesquisa feita em sala de aula.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Ao trabalhar as questões étnico-raciais em suas diversas dimensões e complexidades, torna-se evidente a importância da Lei 10.639, promulgada em 9 de janeiro de 2003, e ela “altera

a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e base da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, durante o primeiro mandato da presidência de Luiz Inácio Lula da Silva.

Esse governo (2002-2010) e o governo Dilma Roussef (2010-2016) foram marcados por inúmeras manifestações sociais e implementações de conjuntos de políticas públicas de ações afirmativas e promoção da valorização da cultura afro-brasileira, como: a criação da Secretaria de Políticas da Promoção da Igualdade Racial (2003), Lei das Cotas (lei nº12.711/12) e Estatuto da Igualdade Racial (lei 12.288/10). Tais medidas tinham o intuito de promover a inclusão da população negra na sociedade e combater o racismo e injúria, revertendo um cenário em que, por muitos anos, o povo negro e a cultura afro-brasileira foram deixados à margem.

Nilma Gomes cita em seu livro “*O movimento educador: saberes construídos nas lutas por emancipação (2017)*”,

“ O que a Pedagogia e as práticas pedagógicas teriam a aprender com o Movimento Negro entendido como ator político e educador? [...]. O que os currículos têm a aprender com os processos educativos construídos pelo Movimento Negro ao longo da nossa história social, política e educacional? A pós-graduação dialoga com esses aprendizados? (Gomes, 2017, p. 13 apud. Silva, 2020, p. 34)

Voltando, essa legislação é um marco fundamental na luta por uma educação mais inclusiva e representativa, já que no ensino básico ainda carece, significativamente, de referências sobre a contribuição dos povos africanos para a formação da sociedade brasileira. Na prática, essa lei, assim como as lutas dos movimentos sociais e do movimento negro, quer introduzir no conjunto educacional, ensinamentos sobre a cultura afro-brasileira e africana que aproximem o aluno de tais vivências, de modo que consigam adquirir um pensamento crítico que os levem a uma valorização e respeito da cultura. Assim sendo, isso atinge o objetivo de reduzir o racismo constituído na sociedade e tão enraizado pela herança escravocrata.

Contudo, baseado na minha experiência em sala de aula e nos estágios supervisionados, eu proponho ao longo desse artigo, essa análise prática do funcionamento da lei. Pois, em algumas observações, eu pude perceber que os alunos ainda chegam com uma ideia muito distorcida e muito vazia quanto a tais heranças. No estágio III, por exemplo, eu me deparei com uma turma de 6 ano, na qual, os alunos eram majoritariamente negros, e não apenas desconheciam o legado africano, como tinham uma visão totalmente eurocentrada, carregada de preconceitos, e ideias pejorativas, eram incapazes de relacionar o continente a suas histórias

peçoais e ancestralidades, como um povo importante, relevante e que deixou marcas que contribuíram profundamente para a sociedade brasileira.

Mas, ao abordar a ampla história e cultura dos povos africanos na educação básica, mesmo com essa lacuna, podemos construir uma mudança comportamental relevante quanto aos alunos, resultando em um ambiente colaborativo que valoriza e respeita a autoestima e a identidade das crianças e adolescentes afro-brasileiras e para auxiliar nesse processo, têm-se, por exemplo, os cadernos do projeto *A Cor da Cultura*, coordenado pela Ana Paula Brandão, sendo o primeiro *Saberes e Fazeres: modo de ver*, um caderno de texto; o *segundo Saberes e Fazeres: modo de sentir*, caderno de metodologia; e o terceiro *Saberes e Fazeres: modo de interagir*, caderno de atividades (MEC, 2006), destaca de forma exemplar a importância desses ensinamentos, oferecendo ferramentas pedagógicas que incentivam a valorização da ancestralidade africana e afro-brasileira.

Além disso, o estudo da história e a cultura africana e afro-brasileira é imprescindível para a construção de uma sociedade baseada em preceitos decoloniais e antirracistas. A educação entra desempenhando um papel fundamental na desconstrução de conceitos eurocêntricos e na elaboração de uma visão mais ampla e justa da nossa história. É através do conhecimento e da valorização das diversas contribuições culturais e históricas dos povos africanos que podemos construir uma sociedade mais inclusiva.

Isso posto, ao trabalhar esses conteúdos nas escolas, levando em conta uma história vista de baixo dentro do processo da aprendizagem histórica, que segundo Rusen,

a aprendizagem histórica é processo de fatos colocados conscientemente entre dois polos, ou seja, por um lado, um pretexto objetivo das mudanças que as pessoas e seu mundo sofreram em tempos passados e, por outro, o ser subjetivo e a compreensão em si mesmo como a sua orientação no tempo. (Rusen, 2010, p. 82; apud. Aguiar, 2020, p. 53)

São aspectos que podem ser incluídos independente da disciplina ou especificidade da disciplina, pois estamos não apenas efetivando a lei, mas também, colaborando para uma transformação profunda na maneira como os alunos compreendem e valorizam a diversidade cultural. Isso, também, é essencial para a construção de uma sociedade mais justa.

Reafirmando, o parágrafo anterior, todo professor, assim como em toda disciplina, é possível transmitir ao estudante a ideia de que o estudo, a ciência, a cultura e suas especificidades pode ser contada por diversos olhares, nos quais nem sempre quem vence de fato é porque detinham mais valor ou importância. O que segundo, THOMPSON,

“As relações entre o ser social e a consciência social seguem agora: em qualquer sociedade cujas relações sociais foram delineadas em termos classistas, há uma organização cognitiva da vida correspondente ao modo de produção e às formações de classe historicamente transcorridas. Esse é o senso comum do poder ... Contudo,

há um sem número de contextos em que homens e mulheres, ao se confrontarem com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos ao seu modo de vida. Nesses contextos, não se pode conceber o ser social à parte da consciência social e das normas. Não há sentido algum em atribuir o prevalecimento de um sobre outro. (Thompson, 2001, p. 260 apud Silva, 2010, p.7)”

Assim como diz o trecho acima, em uma obra inspirada em ideias marxistas, a organização classista de uma sociedade não impede a autonomia de criar e cultivar suas próprias culturas, bem como, a classe dominante, não pode ser lida, ou mantida como parâmetro que valida e sela um contrato de superioridade cultural. Ou seja: toda cultura merece ser reconhecida, respeitada e trabalhada da melhor maneira. Quanto a cultura afro-brasileira existe o apoio de leis objetivando a valorização e reconhecimento, pressão dos movimentos sociais e da população, indo na contramão de uma histórica política de apagamento e silenciamento, tentando se aproximar de uma reparação histórica, na qual, os anos de escravidão nos mostram nem ser alcançável.

Com isso em mente e ciente da importância de trazer para a sala de aula ideias que corroborem a formação do pensamento histórico, retorno ao meu questionamento inicial: por que os alunos não conseguem entender a realidade social vivida atualmente com o passado histórico carregado por sua nação?

Penso que colocar a lei em prática com essa visão decolonial e que fuja do eurocentrismo, exige estudar o histórico pessoal do aluno, exige o planejamento feito em cada instituição de ensino, exige uma dedicação minuciosa e direcionada a cada um desses objetivos, e exige da Instituição Escolar e da sociedade enfrentar o desconforto de encarar a população negra sem o olhar herdado do europeu, da inferioridade, do preconceito, e como indivíduo de cultura, conhecimento, ancestralidade, história, relevância e que desempenhou um papel fundamental e importante para a formação da sociedade brasileira como todo: econômica, cultural, social e política. Ou seja, não é um trabalho simples, apesar de ser possível.

E nesse ponto, eu trago como desafio, a dificuldade que o professor tem com as condições de trabalho atuais para elaborar e colocar em prática um planejamento que supere todos esses percalços que precisam ser repensados.

No âmbito de colaboração para esse debate que comecei em meu período como estagiária, no fim de 2025, eu tive a oportunidade de lecionar como professora substituta, na mesma escola em que fiz a minha pesquisa, me deparando com muitos alunos que foram meus objetos de pesquisa. E a prática me fez refletir sobre possíveis respostas para as minhas perguntas, que eu certifico não ter apenas uma resposta, mas que uma delas não poderia passar despercebida.

O professor tem um compromisso transformador quanto a aprendizagem dos alunos, e isso é possível, isso é feito e muitas vezes reconhecido por muitos desses alunos. “Mas como é feito? Qual o nível que tem sido possível alcançar com essa forma de ensino e essas condições de trabalho do professor?”. E isso, foi o que busquei entender no corpo desse trabalho.

5. METODOLOGIA

Iniciei o estágio IV focada da minha pesquisa e direcionando as minhas análises na perspectiva da aprendizagem histórica e às questões étnico-raciais. Então, cada atividade planejada e aplicada durante essa trajetória, eu nomeei de “diagnóstica”, pois os resultados de cada uma direcionavam o rumo dos próximos passos da minha pesquisa. Ciente disso, solicitei da professora regente Cilmara Ledo Araújo os assuntos que estavam sendo trabalhados em cada turma na terceira unidade. Com eles em mãos, eu já iniciei o planejamento para relacionar tais conteúdos, com as questões étnico-raciais de cada momento histórico que os conteúdos traziam.

O segundo passo foi definir o objetivo dessas avaliações diagnósticas o qual era conhecer a bagagem de aprendizagem dos alunos a respeito das questões raciais: como eles enxergavam a sociedade e suas opiniões particulares acerca de cada pergunta estipulada. Como também, fomentar o autoconhecimento e o orgulho de suas raízes, compreender com clareza a origem e os impactos da ancestralidade nos meios sociais e, especialmente, no ambiente escolar, para que, desse modo, pudessem ampliar seus conhecimentos, resultando em um modo de ver e viver mais inclusivo. Partindo desses pressupostos, elaborei a primeira avaliação diagnóstica.

A partir do resultado da avaliação supracitada desenvolvi uma série de atividades interdisciplinares entre os conteúdos da disciplina História dos Meus Ancestrais (2ºA) e a temática da Independência do Brasil (2ºD) para que os estudantes pudessem entender a dimensão e importância das questões étnico-raciais e como estão presentes no seu dia a dia, assim como a importância da cultura ancestral e cultura afro-brasileira. Como exemplo: no 2º A, as atividades aplicadas foram: análise de fontes e da música “lavagem cerebral – Gabriel, o pensador”, análise e interpretação de textos como o mito da democracia racial de autoria de Joaze Bernardino, e atividade e pesquisa sobre cultura afro-brasileira e africana.

Ademais, as aulas foram planejadas para incluir não só conteúdos históricos e geográficos, mas também, artísticos e sociais; mapas, vídeos músicas, documentários e danças para tornar o aprendizado mais envolvente e significativo.

Os conteúdos da disciplina de História dos Meus Ancestrais trabalhados no 2º Ano A, foram relacionados e adequados perfeitamente com a temática Independência do Brasil, que

estava sendo desenvolvida no 2º Ano D. Foram realizados estudos sobre escravidão, questões raciais e formação da cultura brasileira, com ênfase na história vista de baixo.

A abordagem sobre o continente africano, com foco na questão étnico-racial, proporcionou reflexões mais aprofundadas acerca da identidade étnico-racial, histórica e cultural ligada à ancestralidade do povo negro. Houve um pequeno avanço em comparação com os resultados obtidos na primeira atividade diagnóstica, a qual revelou que os estudantes tinham um conhecimento prévio pouco elaborado acerca da temática. Além disso, ficou clara a falta de aplicação adequada da Lei 10.639/03, visando ao estudo e à valorização dessa cultura nas escolas.

Além disso, foram promovidos debates e rodas de conversa para que os alunos pudessem expressar suas percepções e experiências, criando um espaço seguro e acolhedor para a construção de uma consciência crítica e ampla. A pretensão era de que os alunos desenvolvessem um senso de pertencimento e respeito por suas próprias histórias e culturas, contribuindo para uma formação mais inclusiva e empoderada.

Por fim, os documentos analisados escolhidos foram: o primeiro, as questões 1 e 7, e a questão 7 da última avaliação diagnóstica com intuito de mostrar o andamento, questionamentos que surgiram no processo, e o resultado e a conclusão que obtive. Além disso, em cada avaliação, foi escolhido uma questão de um aluno da turma, os quais foram nomeados com discente, uma letra do alfabeto e especificado a turma. Por exemplo: Discente A, 2ºA. Contudo, trago como complemento, as análises e observações feitas no decorrer das aulas.

6. ANÁLISE DAS FONTES

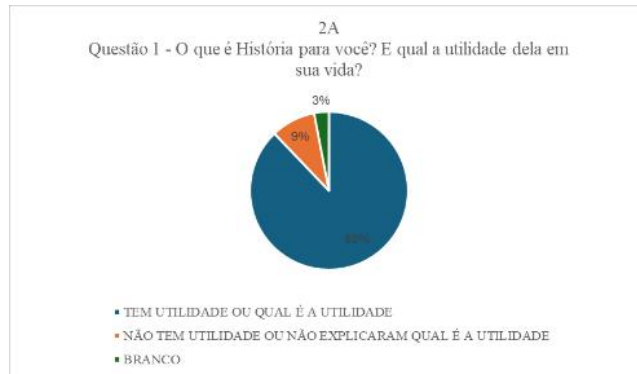
6.1 PRIMEIRA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

A minha primeira avaliação diagnóstica teve o intuito de entender o que os alunos pensavam sobre História de um modo geral, pontos que precisariam ser mais trabalhados e a bagagem que possuíam perante o assunto e para obter-se maior direcionamento para formular as atividades para a sala de aula. Então, formulei essa atividade da seguinte forma: questões que pudessem ajudá-los a refletir sobre o conteúdo que estavam estudando, questões que pudessem me direcionar a investigar o processo de aprendizagem deles, deixando evidente se tinham ou não o senso crítico para relacionar os acontecimentos históricos com as vivências atuais.

Com o resultado obtido sobre a cultura afro-brasileira e o processo de independência do Brasil, utilizei para pesquisar e entender até onde os estudantes conseguiam relacionar os

processos históricos com suas experiências individuais e vivências da sociedade atual. Dessa atividade, eu escolhi para análise a primeira e a sétima questão por se encaixar no que estou investigando.

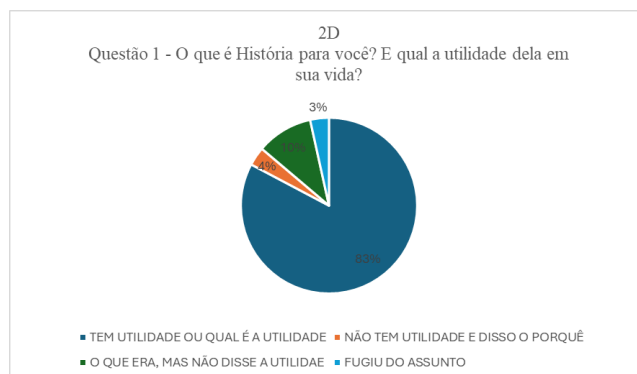
Gráfico 1 – Primeira Avaliação Diagnóstica do 2ºA, questão 1



Fonte: Vivia da Silva Carvalho

Na primeira questão, como podemos observar no gráfico 1 - Primeira Avaliação Diagnóstica do 2ºA, questão 1, o 2ºA, 88% dos alunos responderam que a história tinha utilidade ou qual era a utilidade; 9% afirmou que não tinha utilidade e 3% deixaram a questão em branco.

Gráfico 2 – Primeira Avaliação Diagnóstica do 2ºD, questão 1



Fonte: Vivia da Silva Carvalho

Já o 2ºD, 83% disseram que tem a utilidade, 4% disseram que não tem, 10% disseram o conteúdo de História, mas não disseram a utilidade e 3% fugiram do assunto. Como podemos observar no gráfico 2 - Primeira Avaliação Diagnóstica do 2ºD, questão 1.

Com esses dados, é possível perceber logo de início que os estudantes, em sua maioria, conseguem entender os conteúdos históricos trabalhados e a sua importância, pois revelam em suas respostas, que sim, a história tem um papel importante em suas vidas, bem como a utilidade para eles. Entretanto, não necessariamente conseguem fazer as correlações necessárias para o

desenvolvimento do pensamento crítico, já que nas próximas atividades, boa parte deles não conseguiu dizer como um processo histórico, não só depende do outro, como é consequência um do outro e isso fica bem claro, ao longo das análises das outras atividades aplicadas. Como por exemplo, a resposta abaixo dos discente A do 2ºA e do discente A do 2ºD, que revela de maneira mais clara, o que esses determinados alunos dissertam quanto a pergunta feita, eles têm uma visão clara da relevância dos conteúdos, em momentos específicos, conseguem até fazer uso de exemplos para justificar suas respostas.

Imagem 1: Discente A do 2ºA

1. O que é História para você? E qual a utilidade dela em sua vida?

Para mim história é a matéria que estuda sobre o passado e o legado deixado para a sociedade por um documento, pessoas e vestígios deixados influenciando até os dias de hoje. Na minha vida a história muda e influencia todos os dias, como exemplo marcante os meus direitos e deveres garantidos, de ir a escola, ter uma moradia, entre outros.

Imagem 2: Discente A do 2ºD

1. O que é História para você? E qual a utilidade dela em sua vida?

História é tudo o que nos vivemos e viveremos no futuro. A história é tudo aquilo que está de alguma forma ligado a nós seja em livro, textos ou ~~em~~ até mesmo na terra. Tanto para o conhecimento sobre como nos vivemos em diferentes épocas ou acontecimento que não deve ser repetir.

Nas respostas expostas acima, é possível perceber que os discentes citam a importância do estudo sobre o passado e o impacto do passado/presente no futuro, da utilidade da história para as suas vidas. Na primeira imagem o discente A cita um fato importante do passado que reflete na sua vida social atual. Porém, como será analisado mais a frente, essa percepção se aprofunda ao ponto de levar a números mais promissores, quando se fala em aprendizagem histórica.

Contudo, ao analisar a resposta do discente A do 2ºD, ele traz uma boa perspectiva que se alinha à história vista de baixo: aquela que está no dia a dia social, que ultrapassa classes

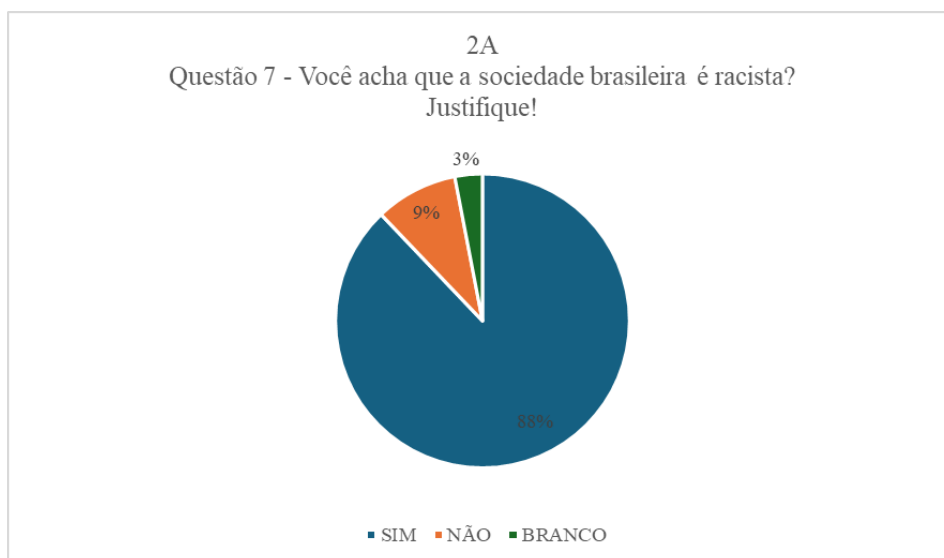
sociais e, principalmente, classes dominantes. E que tem um entendimento do tempo, necessário para se aprender, pois se a história está em tudo.

Logo, o tempo de aprendizagem não é limitado, tornando-a mais possível e menos positivista, tradicionalista. Mas assim, como o discente anterior, o aluno não consegue aprofundar sua reflexão. E entre eles é perceptível o saber superficial sem questionamentos bem estruturados.

Outro ponto de encontro entre essas duas respostas, é como eles se colocam sempre como um agente passivo, em que recebem benefícios ou malefícios de ações sociais feitas e conquistadas ao longo dos períodos históricos. Eu sinto falta de um entendimento mais particular, uma reflexão com estudantes como agentes transformadores e ativos dentro do processo, dizendo como a história transforma e abre os leques mentais, e como isso implica positivamente em corroboração social.

Já a questão 7 da primeira atividade diagnóstica, eu optei por fazer uma pergunta que incentivasse os alunos a pensar com autonomia, sobre suas próprias percepções da sociedade em que estão inseridos. Como a pesquisa é direcionada à aprendizagem histórica com foco na questão racial, eu os questioneei a refletir se a sociedade brasileira é ou não racista. Como resultado, no 2ºA, 88% afirmaram que a sociedade é racista e justificaram; 9% disseram que não e 3% deixaram em branco, como pode ver no gráfico e o exemplo de uma resposta dos discente B do 2ºA na imagem abaixo:

Gráfico 3 – Primeira Avaliação Diagnóstica do 2ºA, questão 7



Fonte: Vivia da Silva Carvalho

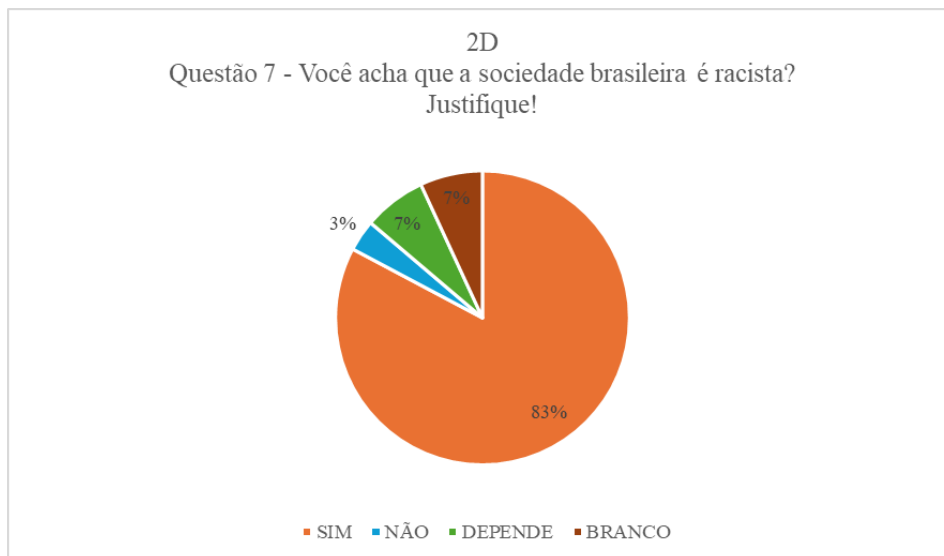
Imagem 3 - Discente B do 2ºA

7. Você acha que a sociedade brasileira é racista? Justifique!

Sim, a sociedade brasileira apresenta traços de racismo estruturais e históricos. Embora haja uma diversidade étnica e cultural significativa, o racismo se manifesta em várias áreas.

Já os estudantes do 2ºD, 83% afirmaram que a sociedade é racista e justificaram, 3% negaram, 7% responderam que depende e deixaram em branco. Como podemos ver no gráfico e o exemplo da resposta do Discente D do 2ºD na imagem abaixo:

Gráfico 4 – Primeira Avaliação Diagnóstica do 2ºD, questão 7



Fonte: Vivia da Silva Carvalho

Imagem 4 - Discente D do 2ºD

7. Você acha que a sociedade brasileira é racista? Justifique!

Sim, podemos observar nos noticiários, por exemplo, que relatos de crimes e violências contra esse grupo, também pode perceber no comportamento das pessoas ao nosso redor sobre esse grupo, e entre outras características em nossa sociedade.

6.2 ÚLTIMA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Quanto a essa última atividade, ela retrata especificamente tudo que foi explorado e discutido minuciosamente durante as aulas de regência. Antes da aplicação das atividades para a turma, eu propunha uma discussão acerca do tema **com o intuito de** proporcionar uma aproximação com a temática trabalhada e com o senso crítico objetivado por mim. Uma das

maneiras que eu buscava para fazer isso, era uso de recursos didáticos como músicas, vídeos, imagens e gráficos projetados em slide, ou abrindo uma roda de conversa para cada aluno expor seu conhecimento e opinião sobre o tema. Como também, pesquisa sobre algum tema para ser realizada em casa.

Diante do exposto, em uma questão desse teste, a questão 7 direcionei para buscar entender se os alunos, depois de repetitivas análises dos assuntos abordados, conseguiriam relacioná-los, de modo que unissem o passado e presente: momentos históricos e suas consequências. Logo abaixo apresento o modelo da questão:

Imagem 5 - Questão 7 da última avaliação diagnóstica

7. Analise o quadro “O jantar brasileiro” (1827) de Jean-Baptiste Debret que retrata a sociedade brasileira do período colonial e o gráfico extraído do site da Rede de Observatório, em 2022, que compara a proporção de população negra e a proporção de mortes de pessoas negras decorrentes de intervenção do Estado. Depois, discorra, com suas palavras, quais são as características semelhantes entre os dois e justifique a sua resposta.



Um jantar brasileiro, de Jean - Baptiste Debret, 1827
Fonte
https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Um-jantar-brasileiro-de-Jean-Baptiste-Debret-1827_fig3_343353575



Proporção de mortes de pessoas negras por intervenção policial
(Gráfico: Rede de Observatórios)

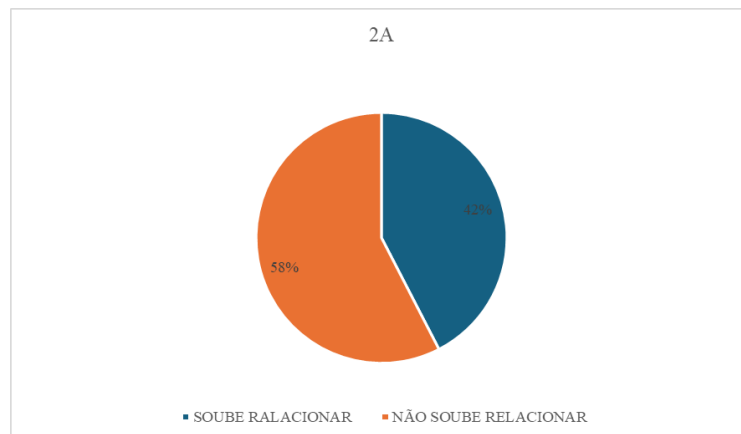
Essa questão foi elaborada, assim como já destacado, colocando uma pintura do período colonial, que reflete a figura do homem e mulher negra, na condição de escravizados no período colonial no Brasil, bem como, mostra a realidade de seus filhos. Essa imagem, assim como outras, foi bem discutida em sala, de maneira oral, falamos sobre as vestes, sobre a comida dada aos pés da mesa, sobre a diferença entre um escravizado que trabalhava dentro da casa grande e os que trabalhavam fora. Ou seja, é uma imagem, que por si só, tem o intuito e poder de evidenciar a condição dos escravizados no período colonial. Já nos momentos de discussão oral, foi possível perceber que alguns alunos conseguiam engajar, olhar de uma maneira mais sensível para a pintura e entender qual o recado que ela passava.

De maneira complementar, o gráfico que está inserido nessa mesma questão, também foi minuciosamente discutido em sala de aula, trazendo essa perspectiva da população negra perante o estado: como é vista, como é tratada, como que esse gráfico consegue ter números tão alarmantes e mesmo assim, ser um ponto de choque para poucos da população. Nas aulas,

eu escolhi a estratégia didática da mediação, do que detentora de uma resposta pronta. Apresentei, por meio de *slide*, essas duas imagens em sequencias, para que eles conseguissem visualizar melhor e talvez interpretar com mais sensibilidade e profundidade as problemáticas que estavam inseridas ali.

Como resultado obtive, demonstrado no gráfico a seguir, 42% dos alunos do 2ºA não conseguiram relacionar e analisar a questão unindo as informações contidas da pintura com o gráfico. Isso reflete o meu questionamento inicial: se os alunos conseguiam relacionar os acontecimentos históricos como interligados e contínuos. Mesmo com todo os processos anteriores feitos em sala de aula: debater o tema, levar inclusive a mesma imagem e o gráfico contidos na avaliação e de explicar a avaliação antes da resolução.

Gráfico 5 – Última Avaliação Diagnostica do 2º A, questão 7



Fonte: Vivia da Silva Carvalho

Logo abaixo trago uma imagem da questão respondida pelo discente E do 2ºA, como exemplo dos que não conseguiram relacionar e analisar com acontecimentos interligados e contínuos. Nela observa-se que o discente responde de forma rasa sem aprofundar e apontar as causas da alta taxa de mortalidade da população negra em decorrência da intervenção do Estado com a proporção da população negra, no ano de 2022, no Brasil e a obra do Debret, o jantar brasileiro, as quais seriam: a manutenção da hierarquia e do poder, a desvalorização da vida negra e a continuidade histórica.

Imagem 6 - Discente E do 2ºA

Podemos observar que a porcentagem de negros que estão morrendo estão mais altas do que a proporção da população em todos os Estados.

Levando em consideração que a turma do 2ºA era uma turma com um nível significativo de maturidade para debater questões raciais e que eles tinham uma boa leitura quanto a muitas coisas. E isso, leva-me a dois questionamentos, que talvez não seja respondido nesse artigo, mas que deixa um marcador para futuras investigações. O primeiro questionamento é qual é a base educacional desses alunos? e o segundo, qual é a maneira que eles aprenderam a estudar, aprenderam a aprender?

Parece redundante, mas um detalhe que percebi na resposta de um aluno fez-me dar mais vazão a esses questionamentos. Apesar de ser um aluno do 2º ano D, a opinião dada por ele conversa muito com essa hipótese e que explicaria a porcentagem de alunos que não conseguem fazer as relações.

A seguinte resposta veio na fase final da minha pesquisa, mais precisamente na minha última atividade diagnóstica, e ela denuncia que os alunos estão adaptados ao modelo positivista de estudo, no qual as aulas são objetivas e um processo de aprendizagem que não se alinha com o tempo. Isso também denuncia as condições em que os professores trabalham e que os levam a muitas vezes se render a um modelo positivista. Contudo, como disse ao iniciar o parágrafo, são hipóteses a serem aprofundadas futuramente.

Na imagem 7, logo abaixo, mostro a opinião do discente em que ele avalia e critica a forma que foi trabalhado o conteúdo, com aulas dialogadas e menos expositivas, sugerindo que seja mais direto.

Imagem 7 - Discente F do 2ºD

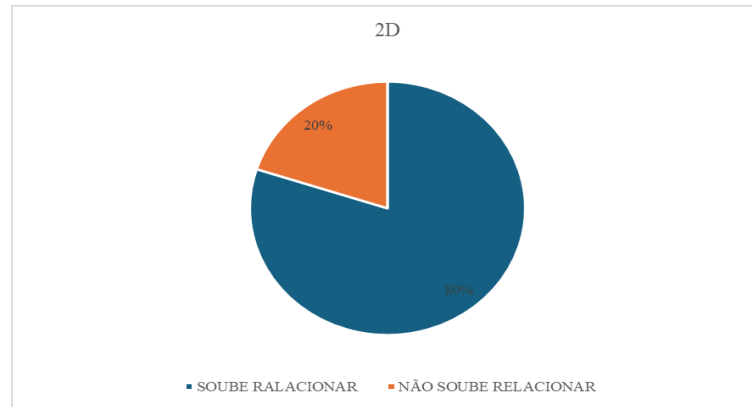
8. De acordo com todos os conteúdos trabalhados até aqui, em sala de aula, você conseguiu perceber e entender a importância de debater sobre povos deixados à margem da sociedade, principalmente, a população negra? Justifique! Com relação ao meu trabalho feito até aqui, como você avalia? Considera que foi um bom trabalho? Acha que poderia melhorar?

Sim, entendi de seu conteúdo por perceber a importância de tratar sobre a população negra, e sua importância para a construção cultural do Brasil. A sua avaliação é 100%. Sim, foi um bom trabalho, e se eu não tivesse que escolher, eu escolheria mais aulas dialogadas e menos expositivas.

Em contrapartida o 2ºD teve uma colocação diferente, pois os alunos demonstraram, depois das nossas discussões orais, terem entendido a relação de um fato histórico com o outro. Como pode ser observado no gráfico abaixo nessa turma 80%, observa no gráfico abaixo, das respostas conseguiram citar características semelhantes entre eles, como podemos ver na imagem da resposta do Discente G, a seguir, ao apontar o racismo. Estabelecer um contraponto,

inclusive, até mesmo com o perfil inicial que eu aponte de cada turma, a qual a turma do 2ºA demonstrava ter mais conhecimento de mundo e abertura para debater as problematizações trazidas em sala de aula em comparação com o perfil do 2ºD.

Gráfico 6 – Última Avaliação Diagnóstica do 2ºD, questão 7



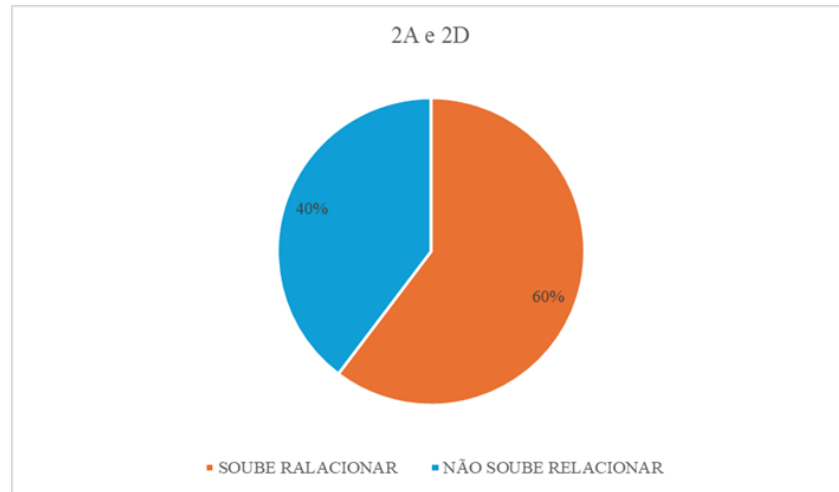
Fonte: Vivia da Silva Carvalho

Imagem 8 - Discente G do 2ºD

O gráfico e a imagem tem em comum o racismo que ainda tem sobre a população negra, no tempo colonial os negros são escravizados por ato de racismo e no tempo de hoje a população negra está muito morta por ato de racismo.

Contudo, mesmo depois dessas discussões e percepções orais, o gráfico 7 das duas turmas, como podemos ver a seguir, apresenta as informações colhidas da última avaliação diagnóstica, e que, mais uma vez, confirma a hipótese que esse resultado enfatiza algum nível de defasagem histórica mantida pelos alunos, visto que 40% dos alunos não conseguiram relacionar a imagem com o gráfico. Sendo assim, reafirma a dificuldade em entender a história como eventos contínuos, correlacionados e com consequências sociais claras. E é importante enfatizar que o uso do termo “mantida” é no sentido de permanência de um padrão ou o não aperfeiçoamento quando diz respeito ao senso crítico. Pois foi o que eu vim observando desde o estágio III, no ensino fundamental, período em que começaram minhas angústias e se prolongaram até o estágio IV, no ensino médio.

Gráfico 7 – Última Avaliação Diagnóstica do 2ºA e do 2ºD, questão 7



Fonte: Vivia da Silva Carvalho

Além disso, nesses resultados obtidos, 60% dos alunos souberam relacionar, apontar que os alunos depois das diversas discussões conseguiram fazer a junção dos acontecimentos, indagações das problemáticas, exposição nas interpretações das atividades propostas. Sendo assim, há relação com a primeira atividade diagnóstica, na questão, na qual eu pergunto ao aluno o que ele esperava da aula e como na visão dele poderia ser diferente.

Além disso, ao longo da minha caminhada na regência, eu fui tentando usar os questionamentos deles como um indicador, e percebi que houve uma evolução no processo, mas ainda assim, percebi também uma resistência por parte de muitos, pouca paciência para uma aula mais dialogada e menos expositiva, como o discente F do 2ºD. Um ponto a enfatizar é que em aulas dinâmicas os alunos são chamados a terem uma aprendizagem mais ativa, participando com mais autonomia e responsabilidade em todo o processo e muitas vezes isso pode apresentar desconforto e estranheza por não ser um lugar habitual para eles.

7. CONCLUSÃO

Nas primeiras atividades aplicadas nas turmas do 2ºano do ensino médio, eu obtive resultados surpreendentes uma vez que eu esperava encontrar os mesmos aspectos de déficit na aprendizagem que encontrei no ensino fundamental. Porém, os alunos demonstraram uma capacidade maior de relacionar os temas apontados por mim com o contexto nos quais eles estavam inseridos. A partir disso, eu passei a buscar respostas que pudessem explicar esses apontamentos.

Em primeiro momento, atribuir a questão da maturidade, é tanto que isso ficou mais visível, quando eu fiz a comparação de uma turma com a outra, na qual a turma que tinha um perfil mais maduro, tinha, também, maior facilidade para analisar alguns aspectos que eu

propunha. Conclusão essa que tive na primeira avaliação diagnóstica e nas primeiras discussões em sala de aula. Levando em consideração que a primeira atividade diagnóstica pouco se relacionava com conteúdo de história propriamente, mas, os levavam a pensar o racismo no seu dia a dia e justificar o porquê de tais atitudes ou condições sociais se encontrar presente.

Mais à frente, quando já tínhamos começado a entrar, especificamente, em assuntos mais específicos do Ensino de História, eu percebi nas outras atividades, ou, até mesmo, em relatos orais na sala de aula, que alguns aspectos que eu havia percebido no estágio passado, como a faixa etária com menos maturidade para fazer conexões e relações aprofundadas na visão dos perdedores, se mantinham. Pois encontrei dificuldade em colocar eles para analisarem todos os processos e acontecimentos históricos na visão de quem perdeu as lutas, a famosa história vista de baixo.

Essa dificuldade que eles têm em fazer as associações de maneira autônoma, é a brecha para o professor entrar com o papel de mediador do conhecimento e não um detentor dele por se tratar de um despejo de informações que com frequência serão apenas repetidos e não aprendidos e questionados pelos estudantes. Eu fiz uso dessas brechas com a finalidade de que eles dessem início ao processo de construção de sua autonomia de associação, aprofundamento, conexão e análise.

O terceiro item observado por mim, está ligado ao ponto anterior e em alguns aspectos que foram pontuados pelos alunos, da última avaliação diagnóstica, trouxe essa clareza. Apesar dos muitos elogios recebidos, alguns pontuaram que gostariam que eu tivesse sido mais objetiva em algumas explicações ou que tivesse levado mais detalhes de alguns aspectos. Isso me trouxe a reflexão sobre o processo de aprendizagem histórica no ensino básico, e que talvez seja uma resposta para a minha pergunta inicial: por que os alunos demonstram essas dificuldades? Por que eles têm dificuldades de fazer essas relações?

Mas também, essas respostas ainda não foram aprofundadas, perante o viés de referencial teórico e da necessidade de analisar e problematizar mais a fundo, mas do que o meu olhar identifica no sistema educacional brasileiro como culpado. Daí surge outra pergunta, culpar o sistema é necessariamente culpar o professor? A resposta é ambígua ainda mais ao levar em consideração as condições nas quais os docentes estão inseridos, pois muitas vezes não os possibilitam lecionar de modo questionador e que fuja de um modelo expositivo no qual o aluno só faz parte do processo de maneira parcial. E propor aulas dialogadas, sala de aula invertida demandam mais tempo, mais desgaste mental e físico, o que fica humanamente inviável, quando é necessário ensinar a várias turmas para que o retorno financeiro seja minimamente gratificante.

A pesquisa sugere que boa parte dos alunos tem demonstrado lacunas na perspectiva da aprendizagem histórica e o modelo de aula tem interferido nessa aprendizagem. Contudo, outros questionamentos podem levar, em consideração, o histórico escolar desse aluno, o contexto social no qual ele está inserido fora da escola, e nas turmas que possuem alunos com características e vivências diferentes. Portanto, esta pesquisa me trouxe alguns direcionamentos, no que se refere ao fazer pedagógico e os impasses que dificultam o trabalho docente, como salas de aula cheias, carga horária exaustiva, e excesso de exigências burocráticas que na maioria das vezes não tem impacto na aprendizagem dos estudantes. Esse estudo não se esgota, muitas questões ainda são passíveis de questionamentos e investigação.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro, Artigo e Tese

ACCARINE, ANDRE. **GOVERNO LULA E DILMA PRIORIZARAM COMBATE AP RACISMO**. Revista Central Única dos Trabalhadores. Nov/2021. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/governos-lula-e-dilma-priorizaram-combate-ao-racismo-1d74#:~:text=Governos%20Lula%20e%20Dilma%20priorizaram,CUT%20%2D%20Central%20%C3%9Anica%20dos%20Trabalhadores>. Acesso: 01/02/2026.

BRASIL. **Lei nº10.639, de 9 de janeiro de 2003**. A obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm . Acesso em: 01/02/2026.

EMICIDA; NAVE. Principia. Intérprete: Emicida. In: AmarElo. [São Paulo]: Selo Laboratório Fantasma. CD. Faixa 1(5min 56s). Disponível em: <https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/amarelo-0>. Acesso em: 22/02/2026.

MEC. **SABERES E FAZERES**: modo de sentir. A Cor da Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho. V.1.2006.

. **SABERES E FAZERES**: modo de ver. A cor da Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho. V.2. 2006.

.**SABERES E FAZERES**: modo de interagir. A cor da Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho. V. 3. 2006.

MONTEIRO, EMERSON DO ROSÁRIO. “**MEU CARO, UBUNTU, “TUDO QUE NÓIS TEM É NÓIS”**”: uma metodologia transgressora e antirracista no Ensino de História em Cachoeira – Ba”. Orientador: Profª. Draº. Antonieta Miguel. 117f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Universidade do Estado da Bahia. Salvador, Bahia, 2024.

SILVA, EMERSON TAVERES. **E. P. THOMPSON E ERIC HOBBSAWN**: diálogo na/da historiografia Marxista do século XX. In. XIV Encontro Estadual de História da ANPUH Seção Paraíba. Simpósio Temático 02: História Social Inglesa, Sociedade, Política e Economia. 14 2010. Anais[...]. João Pessoa/PB. 2010. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/36859>. Acesso em: 01/02/2026.

SILVA, MARCOS ANTONIO BATISTA da. **O MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR**: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Resenha. Quaderns de Psicologia. Vol. 22, n., 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/edile/Downloads/Resenha%20de%20Gomes%20\(2017\).%20O%20Movimento%20Negro%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/edile/Downloads/Resenha%20de%20Gomes%20(2017).%20O%20Movimento%20Negro%20(2).pdf) . Acesso em: 01/02/2026.

CONSULTADO

SODRÉ, RAIMUNDA CONCEIÇÃO; SILVA, MARLEY ANTONIA SILVA DA (org). Ensino de História e relações étnicorraciais. Ananindeua- PA. Cabana, 2023.

9 ANEXOS

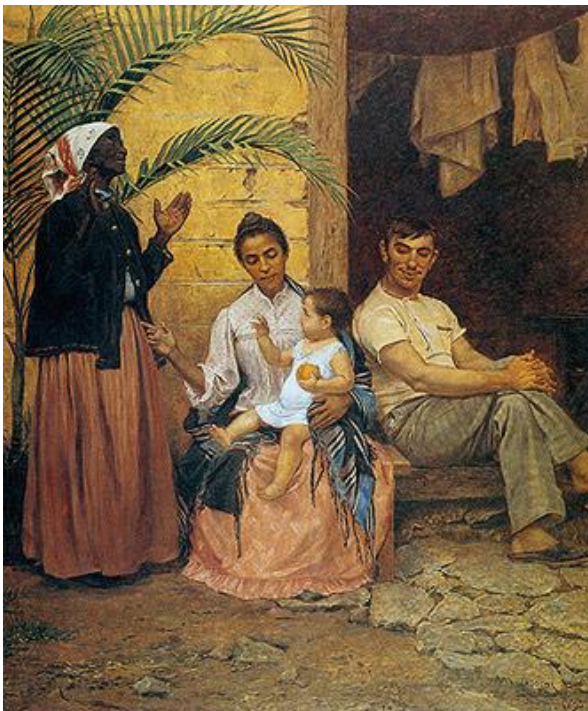
9.1 ANEXO A

Avaliação Diagnóstica

1. O que é História para você? E qual a utilidade dela em sua vida?
2. Consegue lembrar de alguma parte da História estudada em sala que foi marcante?
3. Qual o conteúdo estudado nesse ano que você mais se identificou?
4. Você conseguiu entender a importância desse assunto para você e para a sociedade atual?
5. Na disciplina de História de meus ancestrais, vamos estudar e discutir sobre questões étnicos raciais, certamente você já ouviu falar sobre racismo. Você consegue com base em seus conhecimentos definir racismo? Explique.
6. Quais os impactos e consequências do racismo que você consegue observar no seu dia a dia?
7. Você acha que a sociedade brasileira é racista? Justifique!
8. Qual a sua expectativa perante o trabalho que vou desenvolver nessa terceira unidade? E dentro das possibilidades da disciplina, existe algum assunto em específico que você tem curiosidade e/ou gostaria que eu abordasse?

9.2 ANEXO B AVALIAÇÃO

1. Leia o trecho a seguir e assinale a alternativa em que o conceito do mito da democracia racial esteja completo.
“Mito é algo irreal, inexistente, uma narrativa fantasiosa. Falar em “mito da democracia racial” leva-nos a interpretar que a democracia racial não existe. De fato, atualmente, sobretudo no Brasil, a democracia racial é uma lenda. Boa parte do senso comum afirma que no Brasil não há racismo, que nele há uma democracia racial pelo fato de não haver uma divisão de raças tão forte quanto há nos Estados Unidos atualmente.”
 - A. () O mito da democracia racial, defendida no trecho extraído do livro *Casa Grande e senzala*, pressupõe que pessoas brancas e pessoas negras têm o mesmo tratamento perante a sociedade.
 - B. () O mito da democracia racial, no trecho extraído do livro *Casa Grande e Senzala*, defende que apesar de uma trajetória distinta, depois da abolição da escravatura, todas as pessoas têm os seus direitos e necessidades igualmente garantidos, conforme prevista na Declaração Universal dos Direitos Humanos.
 - C. () Os textos trabalhados em sala de aula, dizem respeito ao mito da democracia racial, ou seja, discutem a falsa ideia que todos os indivíduos, negros e brancos, têm os seus direitos adquiridos de forma igualitária.
2. Com base no texto da questão 1, a pintura *A Redenção de Cam* (1895) do pintor Modesto Brocos e do texto trabalhado em sala de aula, responda às questões a seguir.



Reprodução fotográfica César Barreto
A Redenção de Cam, 1895
Modesto Brocos
Óleo sobre tela, c.i.d.
199,00 cm x 166,00 cm
Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)

- Qual a relação que você faz entre os dois?

- Qual é a crítica que se faz da política de embranquecimento no Brasil?

3. Na pintura “A Redenção de Cam”, é representada uma família que transmite o que foi a miscigenação no Brasil. Sobre isso, assinale a alternativa correta.
- A. O processo de miscigenação ocorreu de maneira natural e sem intenção de apagar a presença da cultura africana no Brasil.
 - B. O processo de miscigenação aconteceu de maneira intencional, visando o apagamento da cultura africana, no Brasil, bem como se isentar do passado escravocrata.
 - C. O processo de miscigenação ocorreu de maneira forçada e com a intenção de valorizar e enaltecer todas as culturas existentes no Brasil.
4. Analisando a imagem abaixo, que retrata como foi o surgimento da favela no Brasil a qual hoje chamamos de “comunidades”, é possível afirmar que:



- A. A construção das comunidades foi uma consequência de uma destruturação social, sobretudo no pós abolição, a partir de 1888, onde obrigou e induziu a população negra a viver à margem da sociedade.
- B. O surgimento das comunidades foi consequência de uma destruturação social que nada tem a ver com raça ou com o passado escravocrata do Brasil.
- C. O surgimento das comunidades foi decisão tomada pela população negra para se manterem à margem da sociedade.

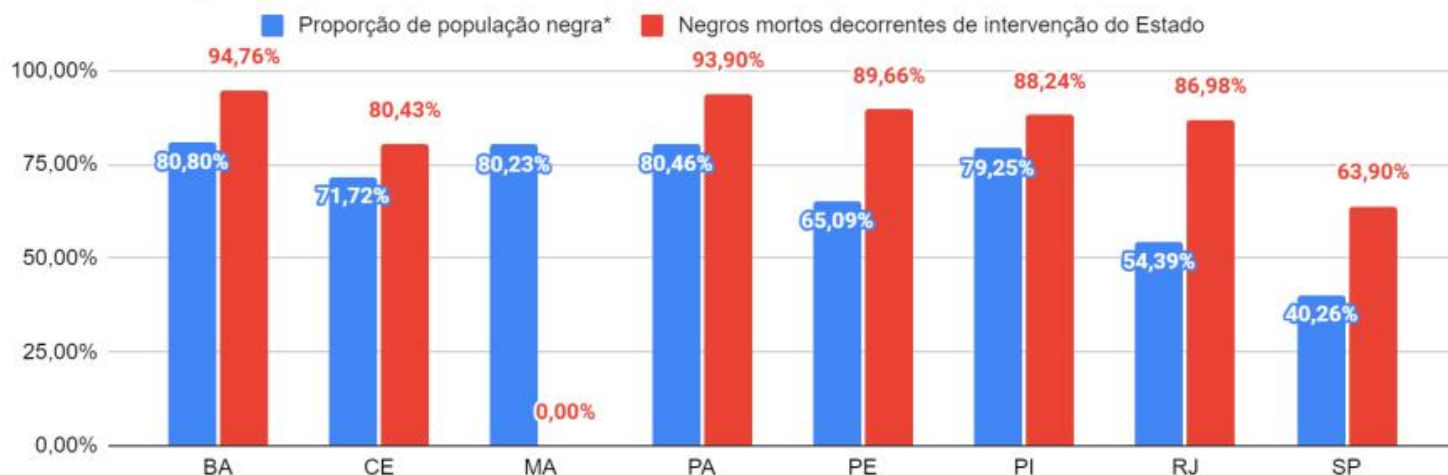
5. Tanto a imagem descrita na questão 4, quanto os recortes do filme História Cruzadas que foram reproduzidos e analisados em sala de aula, demonstram como o Brasil e os Estados Unidos lidaram de maneiras diferentes a abolição da escravatura. Partindo disso, descreva de maneira breve, quais foram essas diferenças e a maneira como o Brasil lidou com isso afetou na valorização da cultura africana no Brasil.

6. Analisando a música, lavagem cerebral de Gabriel, o pensador, é possível perceber uma crítica feita a manutenção do racismo e de uma estrutura social ainda baseada em um passado escravocrata. Assinale o trecho no qual essa crítica é mais evidente.
- A. () “Num complexo de superioridade infantil
Ou justificando um sistema de relação servil
E o povão vai como um bundão
na onda do racismo e da discriminação”
- B. () “Aliás branco no Brasil é difícil,
porque no Brasil somos todos mestiços
Se você discorda então olhe pra trás”
- C. () “O Brasil colonial não era igual a Portugal
A raiz do meu país era multirracial
Tinha índio, branco, amarelo, preto
Nascemos da mistura então por que o preconceito?”
7. Analisa o quadro O jantar brasileiro (1827) de Jean-Baptiste Debret que retrata a sociedade brasileira do período colonial e o gráfico extraído do site da Rede de Observatório, em 2022, que compara a proporção de população negra e a proporção de mortes de pessoas negras decorrentes de intervenção do Estado. Depois, discorra, com suas palavras, quais as características semelhantes entre os dois e justifique a sua resposta.



Um jantar brasileiro,
de Jean - Baptiste
Debret, 1827
Fonte
https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Um-jantar-brasileiro-de-Jean-Baptiste-Debret-1827_fig3_34335357
5

Proporção de população negra e proporção de mortes de pessoas negras decorrentes de intervenção do Estado - estados monitorados pela Rede de Observatórios



Fontes: SSP-BA, SSPDS-CE, SSP-MA, SEGUP-PA, SDS-PE, SSP-PI, ISP-RJ, SSP-SP | Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança

Proporção de mortes de pessoas negras por intervenção policial (Gráfico: Rede de Observatórios)

8. De acordo com todos os conteúdos trabalhados até aqui, em sala de aula, você conseguiu perceber e entender a importância de debater sobre povos deixados à margem da sociedade, principalmente, a população negra? Justifique! Com relação ao meu trabalho feito até aqui, como você avalia? Considera que foi um bom trabalho? Acha que poderia melhorar?

9.3 ANEXO C

AVALIAÇÃO – 2ºD

1. De acordo com os acontecimentos que antecederam o período regencial, assinale a alternativa incorreta.
 - A. () D. Pedro I enfrentava muitos problemas internos, como: o não apoio das elites.
 - B. () Cedendo às pressões, D. Pedro I abdicou do trono deixando que o seu filho o governasse de imediato.
 - C. () Um outro fator que antecedeu o período regencial, foi a pressão externa sofrida por D. Pedro I e a perda significativa da sua popularidade.

2. De acordo com os assuntos abordados em sala de aula e os conhecimentos adquiridos por você, descreva, com suas palavras quais, as principais características do período regencial e o que impulsionou para que fosse aplicado o golpe da maioria.

3. Observa a fotografia abaixo e assinale a alternativa referente ao papel intuitivo da criação da guarda nacional e qual a diferença dela com relação ao exército.



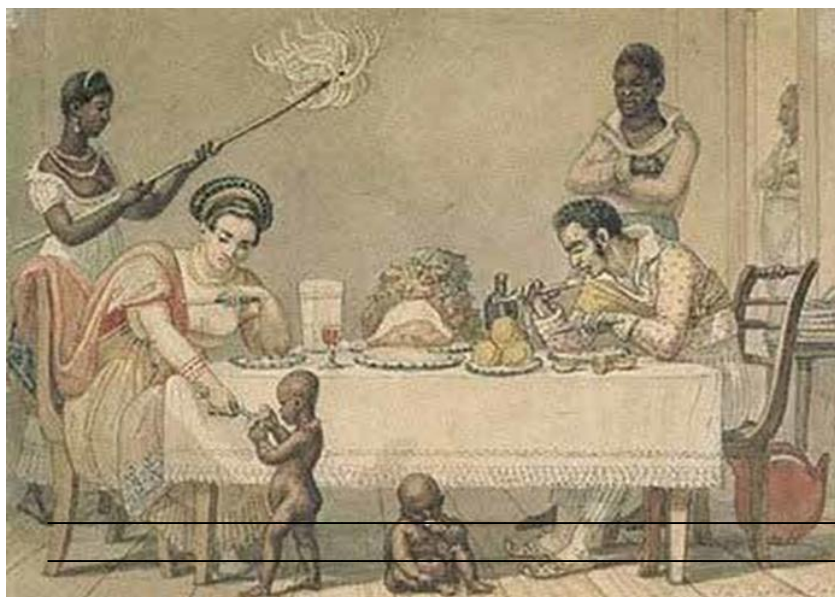
Guarda Nacional de Alagoas. Fonte: História de Alagoas

- A. () A guarda nacional foi criada para unir forças com o exército e tinha como sua característica diferencial, uma maior agressividade nos combates, principalmente nos períodos de revoltas.
 - B. () A guarda nacional foi criada para auxiliar o exército no período regencial e eles não tinham praticamente nenhuma diferença.
 - C. () A guarda nacional foi criada com o intuito de proteger as elites e ao contrário do exército, não poderia ser composta por civis comuns.
4. O período regencial foi composto por algumas fases que tiveram como características as regências trinas e unas. Uma regência una, em especial, foi mais marcante, contudo, por ter grande relevância em uma das revoltas do período. Assinale a alternativa que indica essa regência.
 - A. () una de Araújo lima
 - B. () una de Feijó
 - C. () una José Joaquim Carneiro
 5. Seguindo o mapa abaixo, escolha uma das revoltas que nele estão indicadas e descreva, com suas palavras, quais foram suas motivações, fato mais marcante e líder mais empenhado.



6. Sobre a revolta dos malês, assinale a alternativa correta:
- Foi a revolta liderada por pequenos comerciantes brancos que residiam em Salvador e estavam insatisfeitos com o preço dos impostos.
 - Foi a revolta liderada por negros libertos, em 1835, que estavam insatisfeitos com os trabalhos análogos a escravidão.
 - Foi a revolta liderada por um número significativo de escravizados africanos, que teve o intuito e tentativa de resistir às opressões do sistema escravocrata.

7. Analise o quadro O jantar brasileiro (1827) de Jean-Baptiste Debret que retrata a sociedade brasileira do período colonial e o gráfico extraído do site da Rede de Observatório, em 2022, que compara a proporção de população negra e a proporção de mortes de pessoas negras decorrentes de intervenção do Estado. Depois, discorra, com suas palavras, quais as características semelhantes entre os dois e justifique a sua resposta.

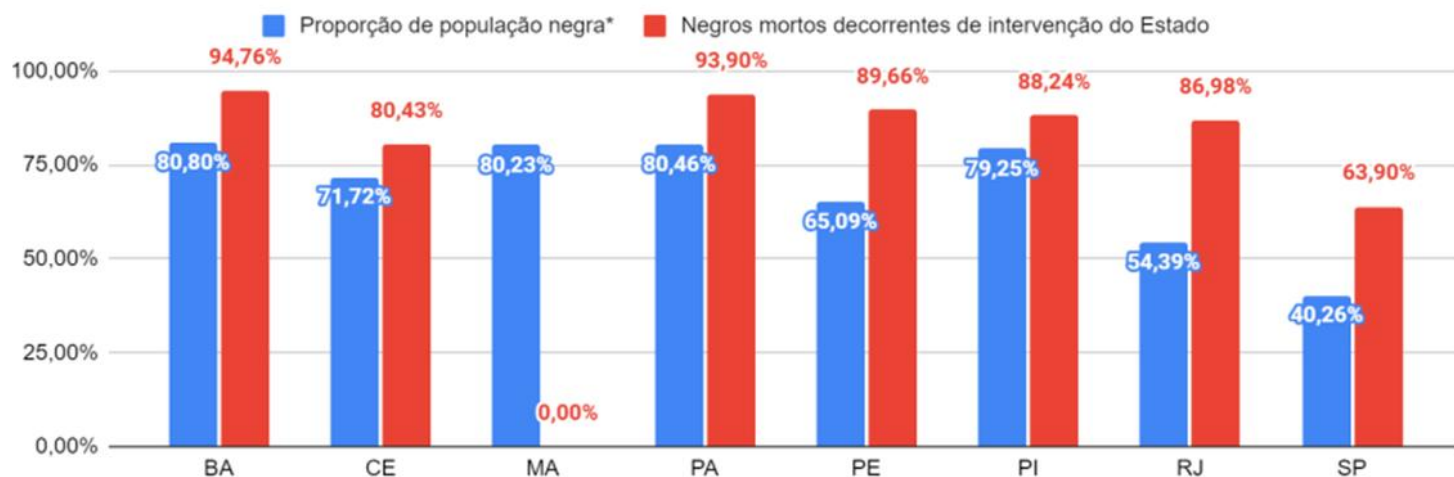


Um jantar brasileiro, de Jean - Baptiste Debret, 1827

Fonte

https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Um-jantar-brasileiro-de-Jean-Baptiste-Debret-1827_fig3_343353575

Proporção de população negra e proporção de mortes de pessoas negras decorrentes de intervenção do Estado - estados monitorados pela Rede de Observatórios



Fontes: SSP-BA, SSPDS-CE, SSP-MA, SEGUP-PA, SDS-PE, SSP-PI, ISP-RJ, SSP-SP | Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança

Proporção de mortes de pessoas negras por intervenção policial (Gráfico: Rede de Observatórios)

8. De acordo com todos os conteúdos trabalhados até aqui, em sala de aula, você conseguiu perceber e entender a importância de debater sobre povos deixados à margem da sociedade, principalmente, a população negra? Justifique! Com relação ao meu trabalho feito até aqui, como você avalia? Considera que foi um bom trabalho? Acha que poderia melhorar?
